

No tempo dos Homens Antigos, havia um menino sonhador que se encantou com o Céu e queria agarrá-lo. Subiu, então, até ao último galho do pinheiro mais alto para se pendurar no azul.

Quando chegou lá acima, agitou os bracinhos no ar, à procura do azul sólido que fosse como os galhos, para se agarrar. Mas não o encontrava.

Já quase chorava, e estava prestes a desistir, quando o céu começou a abrir-se por cima dele e o enorme Dragão do Céu apareceu, cravejado de estrelas e brilhante de azuis. O menino tremeu de medo mesmo abaixo das asas grandes e mal conseguia segurar-se na pequena rama do pinheiro.

— Por que mexeste no meu Céu? — perguntou o dragão, a bufar azuis.

— Eu... eu só queria ver como era... — desculpou-se o pequenino.

— Então vem. Eu mostro-to — disse o bondoso Dragão, a rir um fogo azul.

O Dragão arrebatou o menino, mas não subiu com ele. Desceu. Foi-se enfiando terra adentro — e a terra fez-se azul. Entrou na água do rio — e a água fez-se azul. Dragão e menino ficaram muito pequeninos e meteram-se numa flor, depois, numa folha e, por fim, numa formiguinha. E a flor, a folha e a formiguinha fizeram-se azuis — eram Céu.

Depois disso, voltaram ao galho mais alto do pinheiro, já cada qual no seu tamanho normal.

— Estás a ver, menino curioso, como é o meu Céu? — disse o Dragão.

Dito isto, o Dragão do Céu desapareceu no buraco azul.

Quando desceu do pinheiro, o menino curioso tinha os olhos azuis, muito azuis. Mais tarde, ficaria conhecido como IAO-IEN, o Celeste, um dos maiores Sábios Antigos.

Floro Freitas de Andrade
O Fazedor de Cercas
Alma dos Livros, 2019